

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE LIÇÃO DE COISAS

POSFÁCIO

Viviana Bosi

Carlos Drummond de Andrade © Graña Drummond
www.carlosdrummond.com.br

Grafia atualizada segundo o Acordo
Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.

CAPA E PROJETO GRÁFICO

warrakloureiro

sobre *Em vermelho*, de Milton Dacosta,
1960, óleo sobre tela, 33x41 cm. Coleção: Banco Central.

PESQUISA ICONOGRÁFICA

Regina Souza Vieira

ESTABELECIMENTO DE TEXTO

Antonio Carlos Secchin

PREPARAÇÃO

Léo Rubens

REVISÃO

Huendel Viana

Renata Lopes Del Nero

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Andrade, Carlos Drummond de, 1902-1987.

Lição de coisas/ Carlos Drummond de Andrade;
posfácio Viviana Bosi. — 1ª ed. — São Paulo: Companhia
das Letras, 2012.

ISBN 978-85-359-2165-6

I. Poesia brasileira I. Bosi, Viviana. II. Título.

12-10686

CDD-869.91

Índice para catálogo sistemático:

I. Poesia: Literatura brasileira 869.91

[2012]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 – São Paulo – SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

ORIGEM

- II A palavra e a terra

MEMÓRIA

- 17 Terras
- 18 Fazenda
- 19 O muladeiro
- 20 O sátiro
- 21 A santa
- 22 Vermelho

ATO

- 25 O padre, a moça
- 35 Massacre
- 36 Os dois vigários
- 39 Remate

LAVRA

- 43 Destruição
- 44 Mineração do outro
- 45 Amar-amaro

COMPANHIA

- 49 Ataíde
- 51 Mário longínquo
- 53 A Carlito
- 55 A mão

CIDADE

- 59 Pombo-correio
- 61 Caça noturna
- 63 Canto do Rio em sol

SER

- 69 O retrato malsim
- 70 Science fiction
- 71 Janela
- 72 O bolo
- 73 Os mortos
- 74 Aniversário
- 75 Carta
- 76 Para sempre

MUNDO

- 79 Vi nascer um deus
- 83 A bomba

PALAVRA

- 91 Isso é aquilo
- 95 F

4 POEMAS

- 99 A música barata
- 100 Cerâmica
- 101 Descoberta
- 102 Intimação
- 103 Posfácio
- Lição de coisas: *“gerir o mundo no verso”*,
VIVIANA BOSI
- 119 Leituras recomendadas
- 120 Apêndice: O livro
- 121 Cronologia
- 127 Crédito das imagens
- 128 Índice de primeiros versos

ORIGEM

A PALAVRA E A TERRA

I

Aurinaciano

o corpo na pedra
a pedra na vida
a vida na forma

Aurinaciano

o desenho ocre
sobre o mais antigo
desenho pensado

Aurinaciano

touro de caverna
em pó de oligisto
lá onde eu existo

Auritabirano

II

Agora sabes que a fazenda
é mais vetusta que a raiz:
se uma estrutura se desvenda,
vem depois do depois, mais.

O que se libertou da história,
ei-lo se estira ao sol, feliz.

Já não lhe pesam os heróis
e, cavalhada morta, as ações.
Agora divisou a traça
preliminar a todo gesto.
Abre a primeiríssima porta,
era tudo um problema certo.

Uma construção sem barrotes,
o mugir de vaca no eterno;
era uma caçamba, o chicote,
o chão sim percutindo não.
Um eco à espera de um ão.

III

Bem te conheço, voz dispersa
nas quebradas,
manténs vivas as coisas
nomeadas.
Que seria delas sem o apelo
à existência,
e quantas feneceram em sigilo
se a essência
é o nome, segredo egípcio que recolho
para gerir o mundo no meu verso?
para viver eu mesmo de palavra?
para vos ressuscitar a todos, mortos
esvaídos no espaço, nos compêndios?

IV

Açaí de terra firme
jurema branca esponjeira
bordão de velho borragem
taxi de flor amarela

ubim peúva do campo
caju manso mamão bravo
cachimbo de jabuti
e pau roxo de igapó

goiaba d'anta angelim
rajado burra leiteira
tamboril timbó cazumbra
malícia d'água mumbaca
mulatinho mulateiro
muirapixuna pau ferro
chapéu de napoleão
no capim de um só botão

sapopema erva de chumbo
mororozinho salvina
água redonda açucena
sete sangrias majuba
sapupira pitangueira
maria mole puruma
puruí rapé dos índios
coração de negro aipé

sebastião de arruda embira
pente de macaco preto
gonçalo alves zaranza
pacova cega machado
barriguda pacuíba
rabo de mucura sorva
cravo do mato xuru
morototó tarumã

junco popoca
junco popoca

biquipi biribá botão de ouro

Tudo é teu, que enuncias. Toda forma
nasce uma segunda vez e torna
infinitamente a nascer. O pó das coisas
ainda é um nascer em que bailam mésons.
E a palavra, um ser
esquecido de quem o criou; flutua,
reparte-se em signos — Pedro, Minas Gerais, beneditino —
para incluir-se no semblante do mundo.
O nome é bem mais do que nome: o além-da-coisa,
coisa livre de coisa, circulando.
E a terra, palavra espacial, tatuada de sonhos,
cálculos.

Onde é Brasil?
Que verdura é amor?
Quando te condensas, atingindo
o ponto fora do tempo e da vida?

Que importa este lugar
se todo lugar
é ponto de ver e não de ser?
E esta hora, se toda hora
já se completa longe de si mesma
e te deixa mais longe da procura?
E apenas resta
um sistema de sons que vai guiando
o gosto de dizer e de sentir
a existência verbal
a eletrônica
e musical figuração das coisas?

MEMÓRIA

TERRAS

Serro Verde Serro Azul
As duas fazendas de meu pai
 aonde nunca fui
Miragens tão próximas
pronunciar os nomes
 era tocá-las

FAZENDA

Vejo o Retiro: suspiro
no vale fundo.
Retiro ficava longe
do oceanomundo.
Ninguém sabia da Rússia
com sua foice.
A morte escolhia a forma
breve de um coice.
Mulher, abundavam negras
socando milho.
Rês morta, urubus rasantes
logo em concílio.
O amor das éguas rinchava
no azul do pasto.
E criação e gente, em liga,
tudo era casto.

O MULADEIRO

José Catumbi
estava sempre chegando
da Mata.
O cheiro de tropa
crescia pelas botas acima.
O chapéu tocava o teto
da infância.
As cartas traziam
cordiais saudações.

José Catumbi
estava sempre partindo
no mapa de poeira.
Almoçava ruidoso,
os bigodes somavam-se de macarrão.
As bexigas
não sabiam sorrir.
As esporas tiniam
cordiais saudações.

O SÁTIRO

Hildebrando insaciável comedor de galinha.
Não as comia propriamente — à mesa.
Possuía-as como se possuem
e se matam mulheres.

Era mansueto e escrevente de cartório.